

Comunicação e violência: *a mobilização da indignação pelo discurso do Anonymous*

Antonio Souza

Mestre pelo PPG em Comunicação e Cultura, Uniso.
Professor de Direito da Uniso.
E-mail: berilio88@gmail.com

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP
Docente do PPG em Comunicação e Cultura, Uniso
E-mail: Luciana.spuza@prof.uniso.br

Recebido: 09 set. 2019

Aprovado: 25 nov. 2019

Resumo: A violência que adentra a seara da Comunicação é tema deste estudo que contempla a ação de grupos/tribos ciberativistas/hacktivistas, cuja meta consiste em bloquear o funcionamento normal do poder político e econômico em nome de um ideal. O que se propõe é compreender o modo como a violência se configura nos vídeos dos *Anonymous* do Brasil e que sentidos produzem. A relevância desse artigo reside na reflexão sobre a relação entre comunicação e violência, marcada pelo tensionamento de conceitos e ideias, e sobre um objeto de estudos característico – até sintomático – da época em que vivemos.

Palavras-chave: Comunicação. Violência. Anonymous. Signo ideológico.

Abstract: The violence that enters the field of Communication is the subject of this study that contemplates the action of cyberactivist / hacktivist groups / tribes, whose goal is to block the normal functioning of political and economic power in the name of an ideal. The purpose is to understand the way violence is configured in the videos of Anonymous from Brazil and what meanings they produce. The relevance of this article lies in the reflection of the relation between communication and violence, marked by the tensioning of concepts and ideas, and on a characteristic - even symptomatic - object of study of the time in which we live.

Keywords: Communication. Violence. Anonymous. Ideological sign.

Resumen: La violencia que entra en el campo de la Comunicación es el tema de este estudio que contempla la acción de grupos / tribus ciberactivistas / hacktivistas, cuyo objetivo es bloquear el funcionamiento normal del poder político y económico en nombre de un ideal. El propósito es comprender la forma en que se configura la violencia en los videos de Anonymous do Brasil y qué significados producen. La relevancia de este artículo radica en la reflexión sobre la relación entre comunicación y violencia, marcada por la tensión de conceptos e ideas, y sobre un objeto de estudio característico, incluso sintomático, del tiempo en que vivimos.

Palabras clave: Comunicación. Violencia. Anónimo. Signo ideológico.

Introdução

Este artigo visa compreender o modo como a violência é ressignificada no ambiente midiático favorecido pela internet. Para tais reflexões, elegemos a organização hacktivista, *Anonymous*, em uma de suas manifestações audiovisuais realizadas no Brasil, e a tipologia de violência empreendida por Slavoj Žižek (2014).

Principiamos por apresentar o *Anonymous* como tribo em rede, uma abordagem da influência da cultura midiática na constituição de grupos sociais, ancorados no pensamento de Maffesoli para a conceituação do tribalismo atrelado à estética do sentir comum e à ética da proximidade.

Reflexões sobre a violência e seus desdobramentos a partir de Žižek ganham foco e, na sequência, no exercício de adentrar camadas de sentido ao encalço de como a violência se materializa nas mensagens, valemo-nos de Bakhtin. A enunciação na captura dos aspectos ideológicos inscritos na mensagem verbal e na visual será matéria-prima.

Anonymous: uma tribo em rede

O contemporâneo, para Maffesoli (2014), é marcado pelo retorno de elementos arcaicos, míticos, que convivem em sintonia com o desenvolvimento tecnológico e científico. Mais do que dentro de organizações artificiais como os partidos, empresas, nações, família, deseja-se estar junto em comunidades de afinidade em que prevalecem o afeto, os jogos da aparência e o sentir comum.

Para dar conta das transformações do vínculo social que, em sua visão, estão em curso nesse cenário, Maffesoli cunha a metáfora da “tribo”. “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social” (MAFFESOLI, 2014, p. XXVII).

Maffesoli (2014) parte da estética, entendida como faculdade de sentir, experimentar e como um vetor de socialidade, ao fundamentar tais situações e atitudes sociais que envolvem sentimento e experiências partilhadas. Nessa seara, a imagem ganha relevância, pois atrelada ao fato de que as tribos contemporâneas, sobretudo as

mediáticas, organizam-se ao redor de imagens consumidas vorazmente pelos sujeitos, ressignificadas e (re)colocadas em circulação constantemente.

“Podem existir heróis, santos, figuras emblemáticas, mas eles são, de certa maneira, ideal-tipos, ‘formas’ vazias, matrizes que permitem a qualquer um reconhecer-se e comungar com os outros” (MAFFESOLI, 2014, p. 18). Da mesma forma, as tribos organizam-se ao redor de mitos contemporâneos – dos astros da novela e da música às *webcelebrities* – e consomem, em conjunto, sua imagem: revestem-se dela para investi-la de novas potencialidades semióticas.

Maffesoli (2014, p. 251) também afirma que “[...] o sentimento de pertença pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico”. A internet e os espaços que ela propicia permitem a circulação de imagens e a conexão entre sujeitos de espaços geográficos completamente diferentes, mas em cujo horizonte de interesses está aquele ídolo pop ou a estrela do último *blockbuster* hollywoodiano. A emissão/recepção de mensagens assim como a circulação de informação é facilitada e disseminada pelo acesso à internet.

Inscrito nesse universo, está o *Anonymous*, uma espécie de ativismo digital exercido por *hackers*, descentralizada e sem hierarquia definida, cujo início das ações se deu em torno de 2008. Todo o discurso encarna-se na figura sombria que carrega o mesmo rosto: a máscara de Guy Fawkes, símbolo do grupo, adotada a partir da popularização no filme “V de Vingança”. Seu portador original foi o personagem “V”, oriundo da história em quadrinhos “*V for Vendetta*”, uma espécie de vigilante em busca de vingança e liberdade para uma Inglaterra oprimida pelo totalitarismo em um futuro sombrio. Não há melhor imagem para ilustrar essa ideia, essa causa em defesa da liberdade de expressão.

Os primeiros registros desta tribo remontam a atividades do fórum de imagens 4Chan, em que é possível participar e enviar mensagens sem registro, sob anonimato. As ações do grupo começaram como *bullying* eletrônico e evoluíram para ações coletivas coordenadas e para um trabalho de inteligência coletiva, cujo marco inicial de um viés mais político foi a declaração de guerra à Igreja da Cientologia, a partir da divulgação de um vídeo na internet (MACHADO, 2013, p. 22).

Desde então, as ações do *Anonymous* – especialmente os ataques virtuais – têm sido constantes e os alvos, os mais variados: desde empresas ligadas à tecnologia (Facebook, PayPal), governos, até organizações terroristas. Sobre os ataques virtuais, os

mais comuns utilizados pelo grupo são os DDoS (*Distributed Denial of Service*), invasão de e-mail e contas de redes sociais ou serviços específicos, exposição de dados pessoais ou sigilosos também são estratégias comuns para investir contra seus ocasionais inimigos. Recentemente, uma célula brasileira do *Anonymous*, questionou publicamente as ações do “hacker de Araraquara” no caso da invasão de das contas do Telegram do Ministro da Justiça e outros membros do governoⁱ.

As ações do *Anonymous* têm obtido menos publicidade nos últimos anos, ao mesmo tempo em que as ações das células parecem bastante dispersas e muito menos focadas em alcançar visibilidade. Nesse sentido, publicidade de menos não significa atividades de menos, apenas de que fica mais difícil acompanhá-las.

No Brasil, Machado (2013) afirma que o *Anonymous* começou com hackers que já tinham contato com *Anons* (nome dados a membros do *Anonymous*) ativos em outros países e que até participavam de ações internacionais do grupo. As atividades do *Anonymous* do Brasil começam com a operação *Onslaught* (#OpOnslaught), realizada em 30 de julho de 2011, para divulgar o *Anonymous* tanto nos meios virtuais quanto no mundo *off-line*. A partir desse momento, os *Anons* brasileiros passaram a se engajar em pequenas operações dispersas. Neste artigo, para refletirmos sobre a violência, elegemos #Boicotecopa um dos vídeos dos *Anons* brasileiros disponibilizados pelo canal Youtube.

Reflexões sobre violência

Para abordar a questão da violência, apoiamo-nos no trabalho do filósofo esloveno Slavoj Žižekⁱⁱ (2014) que mobiliza uma série de pensadores, como Lacan, Hegel e Badiou para engendrar sua crítica ao fenômeno contemporâneo da violência e subverter o lugar comum da postura liberal tradicional de que “toda violência é condenável”.

Além dos autores citados, é possível perceber a marca indelével do trabalho de Benjaminⁱⁱⁱ (2013) em suas reflexões. Exemplo disso é a retomada dos conceitos de violência mítica e divina na reflexão sobre a violência na contemporaneidade. Žižek afirma que a violência mítica é a “[...] violência fundamental que sustenta o funcionamento “normal” do Estado” (2014, p. 11), ou seja, é um fenômeno inerente ao exercício do poder. Já a violência divina é “a não menos fundamental violência que

sustenta toda e qualquer tentativa de minar o funcionamento do Estado” (ŽIŽEK, 2014, p.11). Apesar do nome, é um conceito material, palpável, expresso em atos livres da instauração de direito. Enquanto a primeira instaura o direito, estabelece fronteiras, a segunda aniquila tais fronteiras e esgarça os limites da lei na busca da suspensão de sua força coercitiva.

A partir desse ponto, já é possível perceber que Žižek compreende que há uma violência “normal”, inerente ao funcionamento do Estado, da lei e, portanto, que está no campo do simbólico, conceito que será de grande valia para a compreensão da violência no âmbito do *Anonymous*. O passo adiante nos leva a sua proposta de uma divisão triádica da violência: subjetiva, sistêmica e simbólica.

A violência subjetiva é aquela em que é possível identificar seu agente causador: um país que decide atacar outro ou um criminoso que realiza um assalto. Por isso Žižek (2014, p. 17) afirma que “a violência subjetiva é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de violência”.

Já a violência sistêmica é inerente ao funcionamento normal de um sistema (político, social, econômico e cultural); é invisível e, quando é percebida, nem é considerada uma violência, é “apenas o jeito como as coisas são”. Ela não acontece apenas de uma forma direta, mas de formas mais sutis como a coerção, por exemplo, que sustenta relações de dominação e exploração. Além disso, é difícil identificar seu agente causador (ou agentes). Aqui, mais uma vez, o retorno a Benjamin sustenta a argumentação de Žižek. Benjamin (2013) afirma que o Estado subtrai do povo o direito ao exercício da violência e garante-o para si, a partir do direito; reserva-se o uso da violência para manutenção da lei, da ordem e do próprio Estado.

Por fim, o filósofo afirma que há uma violência que age no interior da linguagem e a nomeia como simbólica. Benjamin (2013) considera a linguagem um meio para solucionar conflitos e evitar as soluções violentas. Porém, ela guarda em si “algo de violento no próprio ato de simbolização de uma coisa, equivalendo à sua mortificação” (ŽIŽEK, 2014, p. 59) – noção advinda do pensamento de Hegel –, pois nomear algo é lançá-lo em um campo de significação que lhe é completamente exterior. É revesti-lo de uma camada de significação que lhe é completamente alheia e não tem relação com sua realidade imediata. A linguagem, assim, acaba por simplificar – mortificar – de certa forma, a coisa designada (ŽIŽEK, 2014).

Rocha em “Estética da violência: por uma arqueologia dos vestígios” (1997) afirma que a violência assume em nosso tempo um caráter polimorfo, tanto em sua realização quanto na sua percepção. Para esta autora, os meios de comunicação ajudam as pessoas a construir a imagem de uma violência urbana randômica e disseminada. Banalização e espetacularização caminham de mãos dadas no crescente processo de pulverização da violência pelos meios de comunicação. Narrativas jornalísticas, cujas fronteiras entre realidade e ficção tornam-se difusas, aproximam a violência dos sujeitos, que temem os perigos da cidade mesmo dentro dos limites de muros dos condomínios fechados. Ao mesmo tempo, a violência distancia-se para ser consumida como imagem nos meios de comunicação.

Para Rocha (1997), outra questão importante destaca uma sociedade midiaticizada, em que imagens e discursos circulam veloz e intensamente; os sujeitos estão completamente expostos aos mais brutais níveis de violência sgnica. Ao pensar no horror da guerra televisionado ou do crime chocante que manda o IBOPE às alturas, as notícias contam uma história, tornam-se narrativas midiáticas. Essas narrativas contam com imagens espetacularizadas, intensas, editadas e dispostas para linearizar um acontecimento.

Outro aspecto apontado pela autora é o funcionamento da violência como um vetor identitário, fundamental para as relações internas do grupo e para as externas. É um meio de expressão e comunicação que recorre justamente ao simbólico, à linguagem, para expressar violência e agressividade.

Sob esse aspecto, ainda há o fato da busca de visibilidade, do recurso à violência para se fazer visível pela imagem midiática. Não por acaso as ações do *Anonymous* buscam o destaque da imprensa. Também, os vídeos produzidos por eles mundo afora buscam esse eco nos meios de comunicação. Alcançar visibilidade para o maior número de pessoas através dos meios de comunicação é fundamental para a perenidade da Ideia, para agregar novos *Anons* e conquistar a simpatia das pessoas comuns.

Na trilha dos signos

Para compreender o tensionamento da violência no *corpus* selecionado recorremos a Bakhtin, cujo conceito de signo, por se adequar a contextos comunicativos

concretos, permite uma apreensão mais acurada do caráter ideológico da linguagem, quer verbal ou não, posta em exame. Em Bakhtin (2014) a relação dialógica e dialética se dá entre dois aspectos do signo verbal: significação e tema.

A significação existe como capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua. É o sentido que esses elementos historicamente assumem, em virtude de seus usos reiterados. É, portanto, um estágio mais estável dos signos e dos enunciados, já que seus elementos, como fruto de uma convenção, podem ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido (CEREJA, 2005, p. 202).

As diferentes acepções de uma palavra dicionarizada procuram dar conta da *significação* do signo, isto é, dos sentidos que ele pode assumir ou historicamente já assumiu. Enquanto a significação está para o signo linguístico; o tema está para o signo ideológico, para o discurso, para a enunciação.

[...] tema é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência, é único e irrepetível. Participam da construção do tema não apenas os elementos estáveis da significação, mas também os elementos extraverbais, que integram a situação de produção de recepção e de circulação. Desta forma, o instável e o inusitado de cada enunciação se somam à significação, dando origem ao tema, resultado final e global do processo de construção de sentido (CEREJA, 2005, p. 202).

Trechos do áudio referentes à operação #OBoicoteaCopa obedecem à sequência do original. Por essa razão, texto verbal será entrecortado por imagens, da mesma forma, significação e tema percorrerão o mesmo trajeto de leitura.

Em 2014, o mundo viverá o sonho brasileiro. Nesta frase de abertura do vídeo, a constatação apontada pela significação é de que a importância da data ultrapassa o ideário brasileiro e ganha lugar no sonho de todos os povos. Contudo, é o tema que, inscrevendo a frase numa situação concreta de enunciação, torna a data simbólica: 2014 passa a representar a Copa do Mundo a ser realizada no Brasil, e o sonho brasileiro de ser campeão há de ser vivenciado por todo o mundo. A dimensão deste sonho está arraigada na cultura do país – “a pátria de chuteiras” – inclusive como meio de superação da pobreza. Num país de enormes desigualdades, a mobilidade social depende do *selfmade man* bom de bola que tem talento nos pés.

É o país da Copa, tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza. Mas que beleza! Que beleza? O tema se constrói na retomada de uma conhecida música de Jorge

Ben Jor, “País Tropical”, que retrata as maravilhas de viver em um país como o Brasil: repleto de belezas naturais, carnaval e de um povo alegre. Como “país do futebol”, tem seu sonho de sediar a copa realizado pela segunda vez. A pergunta final, contudo, eivada de ironia, contrapõe-se à ideia original da música de Jorge Ben e questiona se esse sonho é tão belo assim. Ou seja, promove-se o escracho ao ufanismo. Paródia à vista...

Figura 1: A imagem de abertura – o Anon



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

A imagem que abre o vídeo é bastante significativa, à medida que ela é replicada como “marca d’água” em todos os frames do vídeo. O enunciado que a acompanha oferece o roteiro do *tour* para se conhecer o “Brasil”: *A Copa da Fifa 2014 tem as atrações implícitas também, mas essas o governo brasileiro optou por esconder do mundo. Vamos fazer um tour e conhecer um pouco mais desse “Brasil”*.

Aqui, a palavra “implícita” chama atenção por significar^{iv} algo tácito, velado. Algo que não é expresso por palavras, mas por atos; subentendido, subjacente. Portanto, “atrações implícitas”, mais uma vez, revela a ironia no texto, já que seu tema refere-se ao espetáculo proporcionado pela má gestão pública, corrupção e desigualdade social. É essa “verdade implícita”, que o governo pretende esconder, que o *Anonymous* vai

revelar ao convidar os receptores de sua mensagem visual – turistas estrangeiros – para “um tour”.

Ao chegar ao Brasil, você turista, pode ser surpreendido, logo de cara, por assaltos com arma de fogo. Somente em São Paulo, em 2013, o número de mortes após assalto aumentou 74%. O tema desta passagem é a criminalidade crescente nos centros urbanos brasileiros^v exemplificada pelos assaltos com arma de fogo e latrocínios (roubo seguido de morte). Para fortalecer a afirmativa que começa o trecho destacado, é usada uma informação apoiada por um dado estatístico^{vi}.

O desfile de imagens do painel corrobora esse argumento. Destacamos aquela que acompanha o texto acima apresentado:

Figura 2: O policial na rua



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

O que se destaca nessa imagem é a postura do policial em primeiro plano: sentado, com a mão no rosto, ele provoca sentidos inusitados, mas sobretudo, a representação da fragilidade daquele que protege ou o declínio da força do “monstro”, do representante da violência coercitiva do Estado, alquebrado diante do crime, da corrupção, da inoperância, assim como o próprio Estado.

Outro trecho mais adiante no *tour* aponta outra mazela-entretenimento brasileira: *Se não bastasse tudo isso, ainda tem a fome que está presente no cotidiano de muitos brasileiros.*

O tema de fome atualiza parte dos possíveis significados literais de fome e relaciona-se à pobreza, ao abandono de parte da população pelo Estado, à vida que sobra do lado de fora da atual dinâmica do capital, ao excedente que se enquadra e não pode ser modalizado pelo consumo.

Figura 3: Retrato da fome



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>>. Acesso em 30 jan. 2017.

A imagem nos revela elementos de uma cena doméstica. Pessoas sentadas em torno de uma mesa; panelas, pratos, copos vazios, num fundo predominantemente marrom com texturas rústicas e grosseiras. A expressão de desalento. Tal cena convoca o olhar do estrangeiro a vislumbrar a realidade que subjaz à euforia da Copa.

O texto prossegue e vale-se de uma estrutura que se repete ao longo do vídeo: lança uma afirmação contundente e a corrobora com dados estatísticos e números:

A falta de alimento faz com que aproximadamente 32 milhões de pessoas passem fome, somados aos 65 milhões de pessoas que não ingerem a quantidade mínima de calorias. Mesmo com o Bolsa Família, o famoso programa social que garantiu vitória para muito político, mas que não deu garantia de acabar com a fome, vemos que a tendência da situação é piorar, uma vez que grande parte do dinheiro do país está na mão de 10% da população.

Ao contrário de dados fornecidos anteriormente, estes não puderam ser confirmados. São números que não correspondem aos divulgados à época em que o vídeo foi postado no YouTube^{vii}.

Não estamos indignados e protestando sem motivos contra a realização da Copa de 2014. Se você não concorda com as atitudes desse governo corrupto, se você é contra a Copa que vai tirar dinheiro que deveria ser investido em saúde, educação, alimentação, emprego, segurança e renda, vá às ruas de sua cidade. Apoie os protestos. Lute por um Brasil melhor e faça o mundo conhecer a sua luta!

Neste trecho final, temos o fechamento da ideia e o chamamento à ação, evocação está ligada ao contexto da onda de protestos que ficou conhecida como as Jornadas de Julho de 2013, que se espalharam para além das capitais. Palavras de ordem dão o tom da convocação: “vá”, “apoie”, “lute”, “faça”. Todas ligadas a condições que reabilitam o país: ser contra o governo corrupto, ser contra a realização da copa.

Diante da violência sistêmica exercida ao longo de décadas pelo Estado brasileiro para o exercício do poder, o *Anonymous* convoca a rebelião contra um evento-símbolo do poderio econômico local e global, a Copa do Mundo. Conforme apontamos anteriormente, a noção de violência sistêmica de Žižek é um desdobramento da noção de violência mítica de Benjamin.

Porém, não é possível evocar o conceito de violência divina para a compreensão das atividades do *Anonymous* do Brasil, já que ela compreende uma ação explosiva, intensa espontânea e não planejada. O que não é o caso do *Anonymous*, pois suas ações são meticulosamente planejadas e não são marcadas por um caráter explosivo e impulsivo. Aliás, pelo fato de acontecerem majoritariamente *online*, via ataques ou criação de conteúdo, as ações já excluem por si só esse caráter de explosão furiosa que requer o encontro e a ação efetiva no espaço físico. É possível falar numa violência simbólica? Sim, pois, no caso do vídeo analisado foi possível observar a mobilização de recursos visuais e verbais em um discurso de nomeia e circunscreve a violência

sistêmica. Porém, seria possível chamar a violência do *Anonymous* de subjetiva, conforme a classificação de Žižek?

Uma vez que ela compreende uma ação realizada por um sujeito ou agente específico, é possível quando a colocamos sob signo *Anonymous*, esse invólucro permite um ou muitos indivíduos agirem de forma anônima. Porém, pelo menos de imediato, não é possível apontar quem se esconde por trás da “máscara”. O que é fundamental apontar seria a violência inerente ao fenômeno da comunicação, no sentido de causar uma transformação subjetiva. No caso do vídeo analisado, uma tomada de posição individual para uma mobilização coletiva contra a realização da Copa do Mundo no Brasil.

Considerações finais

Retomando o objetivo geral desse artigo – compreender o modo como a violência se configura no vídeo #OBoicoteaCopa dos *Anonymous* do Brasil e que sentidos produz – é possível afirmar a partir da análise que a violência sistêmica empreendida pelo poder (político e econômico) proposta por Žižek é caracterizada por imagens oriundas das mídias, especialmente do jornalismo, e são ressignificadas a partir do texto narrado pelo *Anon*.

Esse uso das imagens midiáticas e essa organização coletiva pode ser lida a partir do conceito de tribalismo de Maffesoli. A estética do sentir comum está presente na adoção desse “mito coletivo” do *Anonymous*, um símbolo midiático comum que serve para a reunião de indivíduos que desejam agir diretamente para travar a violência sistêmica e seus efeitos.

A violência sistêmica é incorporada à mensagem justamente para ser desvelada e combatida, pois ela conclama o emissor a se posicionar e a lutar por um Estado mais honesto, que atenda aos interesses da maioria da população, ao invés de investir recursos para a realização de um evento internacional como a Copa do Mundo. Tal recurso visa aumentar o potencial da mensagem de realizar a comunicação: ou seja, de causar uma transformação qualitativa no receptor.

Essa violência sistêmica pode ser compreendida à luz do conceito de violência mítica cunhado por Benjamin e retomado por Žižek: a representação da violência do

exercício do poder do Estado. A violência sistêmica amplia os horizontes, para abarcar a violência coercitiva que está para além do Estado na contemporaneidade, que a é a violência dos movimentos econômicos, por exemplo: da especulação desenfreada, do *lobby* exercido por grandes corporações, assim como suas relações espúrias com governos para adquirirem benefícios para as companhias em detrimento do bem-estar das populações.

Enfim, o discurso audiovisual pode evocar diversas construções de sentido no receptor como a indignação diante dessa violência sistêmica revelada, a revolta contra essa situação de descaso do Estado; pode trazer à mente associações a situações de omissão do governo, de corrupção, tanto do passado quanto as que eram veiculadas pela imprensa à época (lembremos que, no momento de divulgação do vídeo, a Operação Lava Jato provocava grande comoção).

Pode também resultar em simpatia à causa do *Anonymous* ou, ao menos, concordância com a argumentação que o vídeo traz. O vídeo mostrado conclamava as pessoas a se posicionarem contra a Copa do Mundo de 2014. Portanto, é possível afirmar que a tomada de posição contra o evento por parte do receptor atende a uma chamada do grupo ou da tribo.

Quanto ao *Anonymous*, a pesquisa apontou que se trata de pessoas reunidas para resistir à violência sistêmica do poder político e econômico ao redor de uma causa, a “Ideia” com toda sua carga ideológica e sua linguagem estética com diversos elementos oriundos da cultura midiática, como a figura do personagem “V”, uma espécie de invólucro vazio que permite às pessoas reconhecerem-se e partilharem um ideal comum.

Esse uso das imagens midiáticas e essa organização coletiva pode ser lida a partir do conceito de tribalismo de Maffesoli (2014). A estética do sentir comum está presente na adoção desse “mito coletivo” do *Anonymous*, um símbolo midiático comum que serve para a reunião de indivíduos que desejam agir diretamente para travar a violência sistêmica e seus efeitos.

Portanto, podemos afirmar que o desejo de resistir a essa violência, a partir da realização de uma contra violência para frear a maquinaria cega do exercício do poder, é o elemento aglutinador desses sujeitos, o vetor de socialidade. Assim como podemos afirmar que a violência inerente ao fenômeno da comunicação é mobilizada para causar um efeito no receptor: causar uma transformação subjetiva para uma ação objetiva, a oposição coletiva contra a realização da Copa do Mundo.

Referências

- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915/1921). São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.
- CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014.
- COLEMAN, G. **Anonymous**: from the lulz to collective action. The new everyday: a media commons project. 2011. Disponível em: <<http://mediacommons.futureofthebook.org/tne/pieces/Anonymous-lulz-collective-action>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- MACHADO, M. B. **Anonymous Brasil**: poder & resistência na sociedade de controle. Dissertação de Mestrado no Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- ROCHA, R. L. de M. **Estética da violência**: por uma arqueologia dos vestígios. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, na Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- ŽIŽEK, S. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo. Boitempo, 2014.

ⁱ A notícia repercutiu em alguns casos veículos da imprensa: <https://www.tecmundo.com.br/seguranca/144291-anonymous-levanta-questoes-atuacao-hacker-araraquara.htm>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ⁱⁱ Žižek aborda a questão da violência em inúmeros trabalhos, mas dedica atenção plena ao tema em “Violência: seis reflexões laterais”.

ⁱⁱⁱ Especificamente no ensaio “Para uma crítica da violência”, do início da década de 20 do século passado.

^{iv} Conforme o dicionário Michaelis Online: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=0L1XG>. Acessado em: 30 jan 2017.

^v Conforme noticiado pela imprensa à época: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/brasil-tem-terceira-maior-taxa-de-roubos-da-america-latina-diz-pnud.html> e <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-23/violencia-cresce-no-rio-em-2013>. Acessado em: 30 jan 2017.

^{vi} Baseado em informações divulgadas pela imprensa na época: <http://vejasp.abril.com.br/cidades/numero-de-mortes-assaltos-cresce-2013/> e <https://videos.bol.uol.com.br/video/numero-de-latrocinius-cresce-74-no-primeiro-trimestre-em-sp-04020C9C3364C8C94326?delivery=sprint-02>. Acessado em: 30 jan 2017.

^{vii} Conforme <http://exame.abril.com.br/brasil/cai-o-numero-de-brasileiros-sem-dinheiro-para-comprar-comida/>. Última visualização em 30/01/2017.